

Remix Ensemble

Casa da Música

Peter Rundel direção musical
Matthias Goerne barítono

04 out 2023 · 19:30 Sala Suggia

ANO ALEMANHA



casa da música

APOIO



ernst von siemens
music foundation



Compositor Jörg Widmann sobre *Schumannliebe*.

O Remix Ensemble Casa da Música apresenta este programa na Philharmonie de Colónia e na Elbphilharmonie de Hamburgo, nos próximos dias 8 e 10.

1ª PARTE

Brice Pauset

Kinderszenen mit Robert Schumann (2003; c.27min)*

- Prelúdio
- 1. Von fremden Ländern und Menschen (De povos e terras distantes)
- 2. Kuriose Geschichte (História curiosa)
- 3. Hasche-Mann (Cabra cega)
- 4. Bittendes Kind (Criança que suplica)
- 5. Glückes genug (Felicidade plena)
- 6. Wichtige Begebenheit (Acontecimento sério)
- 7. Träumerei (Sonho)
- 8. Am Kamin (À lareira)
- 9. Ritter vom Steckenpferd (Cavalinho de madeira)
- 10. Fast zu ernst (Um pouco sério)
- 11. Fürchtenmachen (Fazer medo)
- 12. Kind im Einschlummern (A criança adormece)
- 13. Der Dichter spricht (O poeta fala)

2ª PARTE

Jörg Widmann

Schumannliebe, para barítono e ensemble (2023; c.30min)**

- 1. Im wunderschönen Monat Mai (No maravilhoso mês de maio)
- 2. Aus meinen Tränen spriessen (Das minhas lágrimas brotam)
- 3. Die Rose, die Lilie (A rosa, o lírio)
- 4. Wenn ich in deine Augen seh (Quando olho os teus olhos)
- 5. Ich will meine Seele tauchen (Quero afundar a minha alma)
- 6. Im Rhein, im heiligen Strome (No Reno, no rio sagrado)
- 7. Ich grolle nicht (Não te guardo rancor)
- 8. Und wüßten's die Blumen, die Kleinen (Se as pequenas flores soubessem)
- 9. Das ist ein Flöten und Geigen (Soam flautas e violinos)
- 10. Hör' ich das Liedchen klingen (Quando ouço a cançãozinha)
- 11. Ein Jüngling liebt ein Mädchen (Um mancebo amava uma donzela)
- 12. Am leuchtenden Sommermorgen (Numa manhã de Sol luminoso)
- 13. Ich hab' im Traum geweinet (Tenho chorado em sonhos)
- 14. Allnächtlich im Traume seh' ich dich (Vejo-te em sonhos, pela noite inteira)
- 15. Aus alten Märchen winkt es (Surgindo de uma velha lenda)
- 16. Die alten bösen Lieder (As canções velhas e cruéis)

*Sobre o ciclo *Kinderszenen / Cenas Infantis* (1838) de Robert Schumann; encomenda Casa da Música.

**Sobre o ciclo *Dichterliebe / Os Amores do Poeta* (1840) de Robert Schumann, com poemas de Heinrich Heine. Estreia mundial; encomenda Casa da Música, Kölner Philharmonie, Elphilharmonie Hamburg, com o apoio da Ernst von Siemens Music Foundation.

Texto original e tradução nas páginas 7 a 13.

Recomposições sobre Robert Schumann

As obras que o Remix Ensemble apresenta neste concerto partem de dois célebres ciclos de Robert Schumann (Zwickau, 1810 — Endenich, 1856), escritos em datas muito próximas: 1838 e 1840. Surgem no final de uma década particularmente intensa, em que o compositor produzira bastante repertório para piano, com especial predominância de obras curtas e pequenos ciclos com ligações poéticas ou autobiográficas. Aliás, o seu catálogo de obras era, então, quase exclusivamente destinado ao piano, e foi em 1840 que se dedicou em força ao *Lied*, surgindo depois as composições sinfónicas. Foi também o culminar de um período emocionalmente conturbado: Schumann e Clara Wieck pretendiam casar desde 1837, mas enfrentavam a oposição do pai desta, que apenas foi dirimida em tribunal, em 1840, ano em que finalmente puderam celebrar a sua união.

As *Cenas Infantis*, op. 15, surgem como sinal da abstracção optimista do compositor apaixonado. A pureza do mundo infantil está a par da proximidade com a natureza, no ideal romântico que então dominava as artes, trazendo um contraponto às angústias do dia-a-dia e da vida adulta. “A criança é um ser divino enquanto não estiver imersa na cor camaleónica do homem”, escrevia Höderlin, enquanto Schumann apreciava a “profundidade maravilhosa em cada criança”. O conjunto de peças foi intencionalmente pensado como um eco das palavras de Clara, que dizia sentir-se às vezes uma criança ao lado de Robert. E sendo ela uma pianista virtuosa, estas peças eram o contrário do que talvez se esperaria: páginas de música simples, sem grandes dificuldades técnicas, em que a exigência se coloca à expressão emotiva do

intérprete. O compositor dizia que se tratava de recordações de um adulto sobre a sua própria infância, e não de um retrato da infância. Nas suas cartas de amor, escrevia a Clara: “(...) elas pertencem apenas a nós os dois e não consigo tirá-las da cabeça; são tão simples, tão confortáveis, tão completamente ‘tu’ que mal posso esperar até amanhã para as voltar a tocar”. As peças atravessam ideias como a sede de aventura e de conhecer lugares distantes, o interesse pelo incomum, o sonho, o mundo da fantasia, a melancolia e a atracção pelo assustador.

Brice Pauset estudou com Michel Philippot, Gérard Grisey e Alain Bancquart em Paris, e desenvolve uma carreira dupla como compositor e intérprete — das suas obras e de repertório de música antiga ao cravo, pianoforte e, ocasionalmente, piano moderno. É tocado frequentemente em festivais e palcos europeus importantes. Ensina composição na Musikhochschule de Freiburg-im-Breisgau, onde dirige o departamento de Nova Música, e é director geral do Ensemble Contrechamps em Genebra. Sobre a sua versão das *Cenas Infantis* — uma encomenda da Casa da Música, estreada no Porto a 16 de Janeiro de 2004 pelo Remix Ensemble dirigido por Stefan Asbury —, leia-se nas páginas seguintes o que diz Pauset na nota de programa retirada da partitura.

Robert Schumann cruzou-se pessoalmente com o poeta Heinrich Heine (1797-1856) uma vez apenas, em 1828, era ainda um jovem estudante de 18 anos em vias de iniciar a formação em Direito — da qual desistiu rapidamente para se dedicar por inteiro à música. A admiração pelos seus versos juntou-se à boa impressão que lhe ficou dos momentos passados com Heine. Quando se dedicou obsessivamente à escrita de *Lieder*, em 1840, procurou

contactá-lo novamente para lhe dar a conhecer algumas das canções escritas sobre os seus poemas. Porém, não obteve resposta, por razões que não nos é hoje possível descortinar. Ainda assim, foi grande a satisfação de Schumann com o encontro entre a sua música e as palavras de Heine. Experimentou-o em Berlim, na Primavera daquele ano, com Clara ao piano acompanhando a voz de Felix Mendelssohn: “(...) passámos algumas horas inesquecíveis ao piano. Tenho escrito muito para voz, ultimamente. Ele cantou tudo com o acompanhamento da minha noiva, de uma forma que me fez sentir realmente feliz”.

A música de Robert Schumann sobre poemas de Heinrich Heine deu lugar a dois ciclos de canções, no ano de 1840: *Liederkreis* (op. 24) e *Dichterliebe* (op. 48). É este último que preenche a segunda parte do presente programa. Os versos são cantados por uma personagem masculina, o Poeta, num percurso dramático inspirado numa paixão infeliz do próprio Heinrich Heine. Os poemas descrevem o tempo de enamoramento (n.ºs 1 a 3) e idílio amoroso (n.ºs 4 a 6), a traição (n.º 7) e a desilusão (n.ºs 8 a 15), e concluem com a vontade de esquecer o amor infeliz (n.º 16).

Maestro, clarinetista e compositor, Jörg Widmann é um apaixonado pela música de Robert Schumann. Esta nova versão, aqui apresentada em estreia mundial, transfere para o ensemble o acompanhamento original do piano. Em entrevista à Casa da Música (nas páginas seguintes), o compositor deixou uma série de impressões sobre a poesia de Heine e a música de Schumann, e notas valiosas sobre a criação da partitura que se tornou *Schumann-liebe*. Em todo o seu discurso utiliza o termo ‘instrumentação’, menos comum entre nós do que ‘orquestração’ ou ‘arranjo’, e que optámos

por manter, com o fito de evitar distorções às ideias que o compositor quis transmitir.

FERNANDO PIRES DE LIMA*

* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Brice Pauset

BESANÇON, 1956

Kinderszenen mit Robert Schumann

As *Kinderszenen* de Robert Schumann sempre foram um enigma para mim: como articular as diferentes peças do ciclo entre si? Até que ponto devem certos madrigalismos ser levados em conta na interpretação? O que devemos fazer com as indicações de tempo do próprio Schumann, indicações essas que, por vezes, estão totalmente desligadas do tema de uma peça? — como é o caso de “Träumerei” que, se tocarmos como Schumann pede, não deixa realmente tempo para sonhar.

A minha interpretação não tenta responder a estes enigmas que, na sua maioria, me parecem pessoais; em contrapartida, tentei que a sua natureza fosse ouvida de forma mais evidente. Esta decisão tornou-se mais fácil desde que Hans Zender abriu caminho para este tipo de realização, com o seu magistral *Winterreise*. Que a sua coragem e honestidade sejam uma vez mais homenageadas aqui. Considerando esta transcrição como uma possível interpretação pessoal de uma determinada obra do legado da história da música europeia, devo acrescentar que o conceito de interpretação — e por conseguinte este diálogo — deveria ser uma questão constante na composição em geral: compor é interpretar o seu próprio percurso musical, tocar é interpretar as lacunas e vazios (reais ou presumidos) deixados pelo compositor na escrita — finalmente, ouvir é interpretar as distorções, as traições tornadas possíveis através de um código comum, chamado “música”, e que consiste em expressar sem dar significado.

Para terminar, poderia descrever esta transcrição como um jogo de sombras com a

infância sonhada por Robert Schumann (daí o título, talvez rebuscado), uma infância por vezes comovente devido ao imediatismo da sua inocência, irritante devido aos mesmos pensamentos infundáveis, assustadora devido ao pesadelos que deixa antever.

BRICE PAUSET

Tradução: Carla Basto

Jörg Widmann

MUNIQUE, 1973

Schumannliebe, para barítono e ensemble

À superfície, *Schumannliebe* é uma instrumentação de *Dichterliebe* de Schumann. Talvez soe paradoxal dizê-lo, mas esta tornou-se uma das minhas peças mais pessoais, apesar de a versão original não ser minha. Acho que fui ainda mais cuidadoso e pus ainda mais sinceridade e amor no meu trabalho do que se se tratasse de uma obra minha. Não me entendam mal, ponho sempre amor na música. Mas aqui há os versos incríveis de Heinrich Heine, que são de uma mestria enorme, juntamente com Schumann. A meu ver, raramente se formou uma combinação entre texto e música a este nível, em qualquer idioma do mundo.

A obra foi escrita originalmente para voz e piano, e eu decidi usar 20 instrumentos. Não mexi na linha vocal, a não ser em três locais muito concretos. No início do processo, contudo, queria escrever vários interlúdios, prelúdios, poslúdios, e por aí fora. Pensava que poderia fazer os meus comentários sobre a peça. Mas quanto mais lia a música com atenção, mais me convencia de que isso seria praticamente impossível. O modo como uma canção acaba e a seguinte começa é perfeito, não há espaço no meio para mim. Daí que apenas arrisquei algo

mais em momentos muito raros. Por exemplo, no início de “Im wunderschönen Monat Mai” — “No maravilhoso mês de maio,/Quando os botões estavam em flor,/Nasceu o amor/No meu coração” — comecei muito claramente na nossa época, e isso era importante para mim. Ouve-se algo próximo de ruído branco e depois uma transição suave para a introdução de Schumann. Nem se percebe muito bem quando soam os primeiros compassos de Schumann, já que a transição é tão gradual. Só quando o cantor entra é que se torna claro: é Schumann!

Outro exemplo: em “Ich grolle nicht” (“Não te guardo rancor”), o Poeta está muito zangado, é uma canção bastante agressiva. Diz ele: “Nenhum raio ilumina a noite do teu coração”. Não há lá nenhuma luz! E nesse lugar escuro, diz ele, “existe uma serpente que devora o teu coração. E eu vi como tu és infeliz, mas não te guardo rancor. Não te guardo rancor”. Ele di-lo mil vezes. Mas alguém que diz mil vezes que não guarda rancor deve realmente guardar muito rancor. Na linguagem daquele tempo, Schumann escreveu a passagem em Dó maior, com dominante e tónica, e esse foi um momento em que eu senti que precisava de intervir. Estendi a canção quase até ao insustentável, com ruídos e dissonâncias, terminando 30 segundos depois da versão original.

Contudo, estes são exemplos muito raros; comentários meus, de facto. Fora isso, trata-se apenas da minha instrumentação das canções.

Há uma carta de Heine sobre uma mulher de Hamburgo por quem estava desesperadamente apaixonado, mas era um amor impossível. Ele escreveu uma frase no seu diário e nas cartas para os seus amigos: “Não a posso ter; é uma história antiga.” E isso aparece literalmente em “Ein Jüngling liebt ein Mädchen”: um rapaz ama

uma rapariga, mas ela ama outro, e casa com outro, mas arranja outro ainda, e em 20 segundos ou umas oito linhas já há cinco pessoas envolvidas. O poema conclui com as frases: “É uma história antiga, mas que sempre permanece nova.” É sempre actual, mas a quem acontece, despedaça o coração.

No ano em que Schumann e Clara puderam finalmente casar, depois de lutarem por isso durante anos, contra a vontade do pai dela, o que escreve Schumann? *Dichterliebe*, um ciclo sobre um amor que não vai acontecer. Clara, tão nova que era, deve ter ficado apavorada. Eu diria mesmo que, logo na primeira canção, o amor já está condenado. Quanto mais eu trabalhava nesta peça, nos últimos meses, mais certo ficava de que o tema era o amor utópico. Talvez um amor ideal, mas que não se realiza aqui. É interessante porque há também verdadeiras canções de amor, como a terceira, onde o poeta diz “amava aquelas flores, já não as amo; só a amo a ela”. Mas a maior parte são canções sobre um amor que não funciona ou que não tem hipótese de se realizar na vida real. E isso torna a obra muito, muito comovente.

E note-se: em todas estas 16 canções, qual a passagem mais longa? Acontece depois de o cantor terminar as suas últimas linhas, quando fala do caixão que deve ser muito grande. Faz as mais variadas comparações sobre o quão grande ele deve ser. E porque deve ser tão grande? Não o diz, ainda. Di-lo no princípio de tudo e depois no fim, quando revela que o caixão precisa de ser tão grande porque deverá levar o seu amor e a sua dor. São essas as últimas palavras. E começa aí, na obra original de Schumann, uma longa passagem, a mais longa de todo o ciclo *Dichterliebe*, um poslúdio de piano. É um sonho sobre como poderia ter sido aquele amor, se não tivesse sido aquilo que foi durante

as 16 canções. Isto interessou-me muito. Por isso, no final da passagem, vou mais longe, torno-a ainda mais prolongada e, para encerrar, deixo a harpa, a celesta, o glockenspiel, uma kalimba e uma caixa de música. A melodia é a da primeira canção, e com ela arrisquei fazer um cânone, como uma música infantil, como se estivéssemos a adormecer sem nos apercebermos. A minha última canção termina com o material da primeira e, do meu ponto de vista do século XXI, o ciclo poderia agora começar novamente no primeiro número.

Eis outra coisa que fiz no ciclo: permiti-me usar motivos de outras canções, algo que Schumann não faz. Tive muitas dúvidas sobre isso, mas já me sinto confortável com a ideia. Pareceu-me muito natural, por exemplo, em “Ich grolle nicht” (“Não te guardo rancor”) usar fragmentos que nos dizem como tudo começou tão belo e como o Poeta se sente agora mal. Ou citar o primeiro número, “No maravilhoso mês de maio”, antes de o cantor começar a interpretar “Hör’ ich das Liedchen klingen” (“Quando ouço a cançãozinha”), porque é aquela a canção destes dois amantes. Não sei se é certo ou errado, mas senti-me impelido a fazê-lo desta forma.

Tirei também algumas coisas do *Álbum para a Juventude* e de outras peças. A dado momento, na canção n.º 15, quando o Poeta diz “sonho com uma terra onde poderia viver este amor”, veio-me à mente uma pequena melodia do *Álbum para a Juventude*; experimentei-a aqui e era perfeita. Há também o *Liederkreis*, outro ciclo de Schumann com poemas de Eichendorff, que diz a certo ponto: “Eu gostava de ser um pássaro, então voaria para outro lugar”. E é precisamente disso que se trata. Este motivo surge em muitas peças de Schumann, como a *Kreisleriana*, *Davidsbülldertänze*, etc. Coloquei esta melodia na flauta,

e garanto que estes foram os momentos mais felizes — eu tremia, nervoso, enquanto experimentava a melodia em *Dichterliebe*, e juro que encaixava na perfeição. Quando se passa 24 sobre 24 horas com uma obra, durante três ou quatro meses, e as ideias surgem como um pássaro esvoaçando, que aparece ali ao lado, parece-me que há algo de misterioso.

Mencionei aqui os pontos em que fugi à regra, mas o fim principal foi servir esta música, servir os poemas de Heine. Com alguma liberdade, porque acho que não teria sido suficiente fazer apenas a instrumentação. Eu queria colocar aqui também o meu amor. Assim, no final, nos últimos dias em que trabalhei na obra, decidi não a chamar *Dichterliebe*, mas antes *Schumannliebe*.

JÖRG WIDMANN

Entrevistado por Liliana Marinho

Tradução e edição de Fernando Pires de Lima

Dichterliebe / Os Amores do Poeta

1.

*Im wunderschönen Monat Mai,
Als alle Knospen sprangen,
Da ist in meinen Herzen
Die Liebe aufgegangen.*

*Im wunderschönen Monat Mai,
Als alle Vögel sangen,
Da hab' ich ihr gestanden
Mein Sehnen und Verlangen.*

No maravilhoso mês de maio,
Quando os botões estavam em flor,
Nasceu o amor
No meu coração.

No maravilhoso mês de maio,
Quando todas as aves cantavam,
Eu confessei-lhe
Os meus langores e os meus desejos.

2.

*Aus meinen Tränen spriessen
Viel blühende Blumen hervor,
Und meine Seufzer werden
Ein Nachtigallenchor.*

*Und wenn du mich lieb hast, Kindchen,
Schenk' ich dir die Blumen all',
Und vor deinem Fenster soll klingen
Das Lied der Nachtigall.*

Das minhas lágrimas brotam
Muitos rebentos em flor,
E os meus suspiros tornam-se
Um coro de rouxinóis.

E se tu me amares, minha querida,
Oferecer-te-ei todas as flores,
E à tua janela ressoará
A canção do rouxinol.

3.

*Die Rose, die Lilie, die Taube, die Sonne,
Die liebt' ich einst alle in Liebeswonne.
Ich lieb' sie nicht mehr, ich liebe alleine
Die Kleine, die Feine, die Reine, die Eine;*

*Sie selber, aller Liebe Wonne,
Ist Rose und Lilie und Taube und Sonne.
Ich liebe alleine
Die Kleine, die Feine, die Reine, die Eine.*

A rosa, o lírio, a pomba, o Sol,
Amava-os a todos, no arrebatamento do amor;
Já os não amo mais, amo apenas
A que é pequena, fina, pura, inigualável;

Ela é todo o deleite do amor,
É rosa e é lírio, é pomba e é Sol.
Eu amo apenas aquela
Que é pequena, fina, pura, inigualável.

4.

*Wenn ich in deine Augen seh,
So schwindet all' mein Leid und Weh;
Doch wenn ich küsse deinen Mund,
So werd' ich ganz und gar gesund.*

*Wenn ich mich lehn' an deine Brust,
Kommt's über mich wie Himmelslust;
Doch wenn du sprichst: ich liebe dich!
So muß ich weinen bitterlich.*

5.

*Ich will meine Seele tauchen
In den Kelch der Lilie hinein;
Die Lilie soll klingend hauchen
Ein Lied von der Liebsten mein.*

*Das Lied soll schauen und beben
Wie der Kuß von ihrem Mund,
Den die mir einst gegeben
In wunderbar süßer Stund'.*

6.

*Im Rhein, im heiligen Strome,
Da spiegelt sich in den Well'n
Mit seinem großen Dome,
Das große, heilige Köln.*

*Im Dom da steht ein Bildnis,
Auf goldenem Leder gemalt;
In meines Lebens Wildnis
Hat's freundlich hineingestrahlt.*

*Es schweben Blumen und Eng'lein
Um unsre liebe Frau;
Die Augen, die Lippen, die Wänglein,
Die gleichen der Liebsten genau.*

Quando olho os teus olhos,
Desvanecem-se penas e tormentos;
Mas quando beijo os teus lábios,
Então reencontro a saúde e a cura.

Quando repouso no teu coração,
Uma alegria celestial desce sobre mim;
Porém, quando dizes "Eu amo-te!"
Eu rompo num choro amargo.

Quero afundar a minha alma
No cálice da flor do lírio,
O lírio sussurrará cantando,
Uma canção da minha bem-amada.

A canção estremece e hesita
Como o beijo dos seus lábios
Que ela me deu outrora,
Em momentos de infinita doçura.

No Reno, no rio sagrado,
Reflete-se sobre as ondas espelhadas,
Com a sua imponente catedral,
A grandiosa, a santa Colónia.

Na catedral está uma imagem
Pintada em couro dourado;
Ela irradiou a sua luz amável
No deserto da minha vida.

Adejada de flores e anjos
Está a Nossa querida Senhora,
Os olhos, os lábios, as pequenas faces
São a fiel imagem da minha amada.

7.

*Ich grolle nicht,
und wenn das Herz auch bricht,
Ewig verlor'nes Lieb!
Ich grolle nicht.
Wie du auch strahlst in Diamantenpracht,
Es fällt kein Strahl in deines Herzens Nacht.
Das weiß ich längst.*

*Ich grolle nicht,
und wenn das Herz auch bricht.
Ich sah dich ja im Traume,
Und sah die Nacht in deines Herzens Raume,
Und sah die Schlang', die dir am Herzen frißt,
Ich sah, mein Lieb, wie sehr du elend bist.
Ich grolle nicht.*

8.

*Und wüßten's die Blumen, die Kleinen,
Wie tief verwundet mein Herz,
Sie würden mit mir weinen,
Zu heilen meinen Schmerz.*

*Und wüßten's die Nachtigallen,
Wie ich so traurig und krank,
Sie ließen fröhlich erschallen
Erquickenden Gesang.*

*Und wüßten sie mein Wehe,
Die goldenen Sternelein,
Sie kämen aus ihrer Höhe,
Und sprächen Trost mir ein.*

*Sie alle können's nicht wissen,
Nur Eine kennt meinen Schmerz;
Sie hat ja selbst zerrissen,
Zerrissen mir das Herz.*

Não te guardo rancor,
mesmo com o coração despedaçado,
Ó amor para sempre perdido!
Não te guardo rancor.
Pois se tu brilhas no esplendor do diamante,
Nenhum raio ilumina a noite do teu coração.
Há muito que o sabia.

Não te guardo rancor,
mesmo com o coração despedaçado.
Eu olhei-te nos meus sonhos,
E vi a noite que reina no teu coração,
Vi a serpente que devora o teu coração,
Eu vi, minha amada, como tu és infeliz.
Não te guardo rancor.

Se as pequenas flores soubessem
Como estou ferido no coração,
Elas chorariam comigo,
Para curarem a minha dor.

Se os rouxinóis soubessem
Como eu estou triste e doente,
Eles entoariam alegremente
Uma canção para meu conforto.

E se soubessem das minhas penas,
Aqueles estrelinhas douradas,
Elas viriam das alturas
E dir-me-iam palavras de confiança.

Eles não podem saber,
Apenas uma conhece o meu desgosto;
Foi ela quem me despedaçou,
Quem despedaçou o meu coração.

9.

*Das ist ein Flöten und Geigen,
Trompeten Schmettertern darein;
Da tanzt wohl den Hochzeitsreigen
Die Herzallerliebste mein.*

*Das ist ein Klingen und Dröhnen,
Ein Pauken und ein Schallmei'n;
Dazwischen schluchzen und stöhnen
Die lieblichen Engelein.*

10.

*Hör' ich das Liedchen klingen,
Das einst die Liebste sang,
So will mir die Brust zerspringen
Von wildem Schmerzendrang.*

*Es treibt mich ein dunkles Sehnen
Hinauf zur Waldeshöh';
Dort löst sich auf in Tränen
Mein übergrosses Weh'.*

11.

*Ein Jüngling liebt ein Mädchen,
Die hat einen andern erwählt;
Der andre liebt eine andre,
Und hat sich mit dieser vermählt.*

*Das Mädchen nimmt aus Ärger
Den ersten besten Mann,
Der ihr in den Weg gelaufen;
Der Jüngling ist übel dran.*

*Es ist eine alte Geschichte,
Doch bleibt sie immer neu;
Und wem sie just passiert,
Dem bricht das Herz entzwei.*

Soam flautas e violinos,
Retumbam os trompetes,
Dançam em rodas os grupos do casamento,
E entre eles a minha bem-amada.

Tocam os músicos e ribombam os ares,
Ressoam os tambores e as flautas,
E, entre eles, soluçam e suspiram
Os pequenos anjos do amor.

Quando ouço a cançãozinha,
Que outrora cantou a minha amada,
Sinto estalar o meu peito,
Oprimido por cruéis tormentos.

Um langor sombrio arrasta-me
Para os cumes das florestas;
Aí derrama-se em lágrimas
O fardo da minha dor.

Um mancebo amava uma donzela
Que havia escolhido um outro;
O outro amava uma outra,
E com essa casou.

A donzela tomou, por despeito,
O primeiro bom homem
Que atravessou o seu caminho;
Tal foi o infortúnio do mancebo.

É uma história antiga,
Mas que sempre permanece nova;
E àquele a quem sucedeu,
Despedaça o coração.

12.

*Am leuchtenden Sommermorgen
Geh' ich im Garten herum.
Es flüstern und sprechen die Blumen,
Ich aber wandle stumm.*

*Es flüstern und sprechen die Blumen,
Und schau'n mitleidig mich an:
Sei unsrer Schwester nicht böse,
Du trauriger blasser Mann.*

13.

*Ich hab' im Traum geweinet,
Mir träumte du lägest im Grab.
Ich wachte auf, und die Träne
Floss noch von der Wange herab.*

*Ich hab' im Traum geweinet,
Mir träumt', du verliessest mich.
Ich wachte auf, und ich weinte
Noch lange bitterlich.*

*Ich hab' im Traum geweinet,
Mir träumte, du wär'st mir noch gut.
Ich wachte auf, und noch immer
Strömt meine Tränenflut.*

14.

*Allnächtlich im Traume seh' ich dich,
Und sehe dich freundlich grüssen,
Und laut aufweinend stürz' ich mich
Zu deinen süssen Füßen.*

*Du siehest mich an wehmütiglich
Und schüttelst das blonde Köpfchen;
Aus deinen Augen schleichen sich
Die Perlenrännentröpfchen.*

*Du sagst mir heimlich leises Wort
Und gibst mir den Strauss von Cypressen.
Ich wache auf, und der Strauss ist fort,
Und's Wort hab' ich vergessen.*

Numa manhã de Sol luminoso
Passeio pelo jardim;
As flores murmuram e conversam,
Porém, eu caminho em silêncio.

As flores murmuram e conversam,
E fitam-me compassivamente:
"Não sejas cruel para a nossa irmã,
Ó tu que caminhas, pálido e triste."

Tenho chorado em sonhos,
Sonhei que jazias no túmulo.
Quando acordei, as lágrimas
Corriam ainda pelas minhas faces.

Tenho chorado em sonhos,
Sonhei que me abandonavas.
Quando acordei, chorei ainda,
Longa e amargamente.

Tenho chorado em sonhos,
Sonhei que ainda me querias bem.
Quando acordei, corria ainda
A torrente das minhas lágrimas.

Vejo-te em sonhos, pela noite inteira,
E vejo-te saudar amavelmente.
E, soluçando alto, eu lanço-me
Aos teus pés adorados.

Tu fitas-me com melancolia
E sacodes a bela cabeça loira.
Dos teus olhos escapam-se,
como fiadas de pérolas, as tuas lágrimas.

Em segredo sussurras-me uma palavra
E ofereces-me um ramo de cipreste.
Mas quando acordo, o ramo está ausente,
E não me recordo da palavra.

15.

*Aus alten Märchen winkt es
Hervor mit weisser Hand,
Da singt es und da klingt es
Von einem Zauberland;*

*Wo bunte Blumen blühen
Im gold'nen Abendlicht,
Und lieblich duftend glühen,
Mit bräutlichem Gesicht;*

*Und grüne Bäume singen
Uralte Melodei'n,
Die Lüfte heimlich klingen,
Und Vögel schmetterten drein;*

*Und Nebelbilder steigen
Wohl aus der Erd' hervor,
Und tanzen luft'gen Reigen
Im wunderlichen Chor;*

*Und blaue Funken brennen
An jedem Blatt und Reis,
Und rote Lichter rennen
Im irren, wirren Kreis;*

*Und laute Quellen brechen
Aus Wildem Marmorstein,
Und seltsam in den Bächen
Strahlt fort der Wilderschein.*

*Ach, Könnt' ich dorthin kommen,
Und dort mein Herz erfreu'n,
Und aller Qual entnommen,
Und frei und selig sein!*

*Ach! Jenes Land der Wonne,
Das seh' ich oft im Traum,
Doch kommt die Morgensonne,
Zerfließt's wie eitel Schaum.*

Surgindo de uma velha lenda,
Acenam-me com a mão branca,
Cantam e tocam a música
De um país encantado,

Onde brotam flores coloridas
Na luz dourada do entardecer,
E brilham, delicadas, perfumando o ar
As faces tão belas como noivas;

E as árvores verdejantes cantam
Vetustas melodias,
As brisas murmuram suavemente
E as aves soltam os seus trinados.

E surgem fantásticas formas
Que se erguem da terra,
E dançam em círculos, flutuando,
Como num coro singular.

E em cada folha e rebento
Ardem centelhas azuis,
E luzinhas encarnadas
Percorrem círculos bizarros.

E de agrestes rochas de mármore
Rompem as fontes cristalinas,
E além, no espelho dos ribeiros
Brilham reflexos singulares.

Ah! Se eu pudesse ir a esta terra
E ali alegrar o coração,
Deixar todos os tormentos,
E ser livre e ser feliz!

Ah! Aquela terra de bem-aventurança
Que revejo nos meus sonhos,
Assim que nasce o Sol da manhã,
Dissolve-se como pura espuma.

16.

*Die alten bösen Lieder,
Die Träume bös' und arg,
Die lasst uns jetzt begraben,
Holt einen grossen Sarg.*

*Hinein leg' ich gar manches,
Doch sag' ich noch nicht, was;
Der Sarg muss sein noch grösser
Wie's Heidelberger Fass.*

*Und holt eine Totenbahre
Und Bretter fest und dick;
Auch muss sie sein noch länger,
Als wie zu Mainz die Brück'.*

*Und holt mir auch zwölf Riesen,
Die müssen noch stärker sein
Als wie der starke Christoph
Im Dom zu Köln am Rhein.*

*Die sollen den Sarg forttragen,
Und senken ins Meer hinab;
Denn solchem grossen Sarge
Gebührt ein grosses Grab.*

*Wisst ihr, warum der Sarg wohl
So gross und schwer mag sein?
Ich senkt auch mein'r Liebe
Und meinen Schmerz hinein.*

As canções velhas e cruéis,
Os sonhos ruins e malvados,
Sepultemo-los agora,
Trazei-me um grande ataúde.

Nele deporei muito,
Porém não direi ainda o quê;
O ataúde deve ser ainda maior
Que o grande tonel de Heidelberg.

E trouxe aqui um féretro
E pranchas sólidas e espessas,
Também elas deverão ser
Mais longas que a ponte de Mainz.

E buscai-me também doze gigantes,
Que deverão ser ainda mais fortes
Do que o grande São Cristóvão
Na Catedral de Colónia, junto ao Reno.

Eles devem carregar o ataúde
E afundá-lo no alto mar,
Pois um esquife tão desmesurado
Exige uma tamanha sepultura.

Sabeis porque o ataúde
Deverá ser tão grande e pesado?
Desejo nele afundar o meu amor
E todos os meus tormentos.

Tradução de Mariana Portas, gentilmente cedida
pela Fundação Calouste Gulbenkian

Peter Rundel direção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR, Frankfurt e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, Radio France e Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma, a Sinfónica de Viena e a Filarmónica de Bruxelas. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, na Ópera da Flandres, no Teatro Argentino La Plata, na Ruhrtriennale e no Festival de Bregenz, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Calixto Bieito, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht* e *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Mais recentemente, apresentou-se com sucesso na Ópera de Zurique — *Girl with a Pearl Earring* de Stefan Wirth (nomeada estreia do ano

pela revista *Opernwelt*) — e no Teatro Estatal de Hesse/Wiesbaden — *Werther* de Massenet.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi diretor artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro diretor artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música, com o qual conquistou grande sucesso em importantes festivais europeus — nesta temporada, dirige-o na Elbphilharmonie de Hamburgo e na Philharmonie de Colónia, com Matthias Goerne, estreando um novo arranjo de Jörg Widmann para *Dichterliebe* de Schumann.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Como diretor musical do Taschenopernfestival (desde 2019), criou uma outra academia em Salzburgo, com vista à promoção de jovens maestros no campo do teatro musical contemporâneo. É regularmente convidado para ensinar em cursos internacionais de ensembles como a London Sinfonietta, o Ulysses Ensemble na Academia ManiFeste em Paris, a Academia do Festival de Lucerna e no Teatro alla Scala de Milão.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

Matthias Goerne barítono

Aclamado por todo o mundo pelas suas apresentações em ópera e em concerto, Matthias Goerne é presença regular em festivais e salas de renome. Entre os seus parceiros musicais estão maestros de topo como Claudio Abbado, Herbert Blomstedt, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnányi, Gustavo Dudamel, Christoph Eschenbach, Daniele Gatti, Valery Gergiev, Bernard Haitink, Manfred Honeck, Mariss Jansons, Neeme Järvi, Paavo Järvi, Vladimir Jurowski, Yannick Nézet-Séguin, Seiji Ozawa, Antonio Pappano, Kirill Petrenko, Simon Rattle, Esa-Pekka Salonen e Franz Welser-Möst. Entre os principais teatros de ópera onde já cantou, destaque para a Metropolitan Opera em Nova Iorque, a Royal Opera House Covent Garden, o Teatro Real de Madrid, a Ópera Nacional de Paris, a Ópera Estatal da Baviera em Munique e a Ópera Estatal de Viena. *Amfortas*, *Marke*, *Wolfram*, *Wotan*, *Oreste* e *Jochanaan*, bem como os protagonistas de *O Castelo do Barba Azul*, de Béla Bartók, e *Wozzeck*, de Alban Berg, foram algumas das personagens a quem emprestou a voz.

O talento de Goerne está registado em vários discos, muitos deles merecedores das mais importantes distinções, incluindo cinco nomeações para os Grammy, um prémio ICMA, um Gramophone, o BBC Music Magazine Vocal Award de 2017, o Diapason d'or Arte e o ECHO Klassik de 2017 na categoria de cantor do ano. Nos últimos dois anos lançou três álbuns pela Deutsche Grammophon: *Beethoven Songs* com Jan Lisiecki; canções de Wagner, Strauss e Pfitzner com Seong-Jin Cho; e um disco de canções de Schumann e Brahms com Daniil Trifonov, que foi reconhecido pela Limelight como disco vocal do ano. Fez ainda uma gravação no papel de Wotan com a Filarmónica

de Hong Kong dirigida por Jaap van Zweden. No início de 2023 surgiu *Schubert revisited*, editado pela Deutsche Grammophon, com canções do compositor arranjadas para voz e orquestra.

O barítono alemão é, desde 2001, membro honorário da Royal Academy of Music de Londres. Natural de Weimar, estudou com Hans-Joachim Beyer em Leipzig e, mais tarde, com Elisabeth Schwarzkopf e Dietrich Fischer-Dieskau. Na temporada 2017/18, foi artista em residência na Elbphilharmonie de Hamburgo, experiência que viria a ter também na temporada seguinte, mas com a Filarmónica de Nova Iorque.

Dos momentos mais importantes da última temporada, realce para os concertos com a Orquestra NDR Elbphilharmonie, bem como com a Orquestra Nacional de França dirigida por Andrés Orozco-Estrada; a Sinfónica de Viena sob a batuta de Christoph Eschenbach; a Deutsche Kammerphilharmonie de Bremen e a Sinfónica de Pittsburgh com Manfred Honeck; e uma digressão pela Ásia com a Sinfónica de Dallas e Fabio Luisi. Matthias Goerne foi *Marke* em Toulouse e *Amfortas* no Liceu de Barcelona. Recitais com Leif Ove Andsnes, Markus Hinterhäuser e Víkingur Ólafsson levaram-no, entre outras cidades, a Paris, Londres e Florença.

Na temporada 2023/24, Goerne veste, pela primeira vez, a pele de *Boris Godunov* em Toulouse e em Paris, e faz uma série de recitais com Evgeny Kissin na Europa e nos Estados Unidos. Estreia *Schumannliebe* de Jörg Widmann na Casa da Música, na Philharmonie de Colónia e na Elbphilharmonie de Hamburgo. Além disso, colabora com a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão e Antonio Pappano, assim como com a NDR Elbphilharmonie, e canta o *War Requiem* de Britten numa digressão pela Alemanha com a Sinfónica SWR.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou, em estreia absoluta, cerca de 115 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas salas mais prestigiadas de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020).

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür e Daniel Moreira, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philotomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e

da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders e Justè Janulytè, além de inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2023 inclui as estreias nacionais de duas obras de Enno Poppe, uma das quais coencomendada pela Casa da Música. Contando com Matthias Goerne como solista, o Remix Ensemble faz a estreia mundial de uma encomenda a Jörg Widmann, uma nova versão para ensemble e barítono do ciclo *Dichterliebe* de Schumann — programa com o qual regressa, em outubro, à Philharmonie de Colónia e à Elbphilharmonie de Hamburgo. Divide o palco ainda com Ilya Gringolts, interpretando o *Concerto para violino* de Ligeti.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista londrina Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Remix Ensemble

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor McTait
Mateusz Stasto

Violoncelo

Oliver Parr
Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz
Telma Gomes

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano/Celesta/Cravo

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

Acordeão

José Valente

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes

Palco

André Silva
José Torres

Som

Carlos Lopes

Assistência de cena

Amaro Castro
Manuel Martins

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

